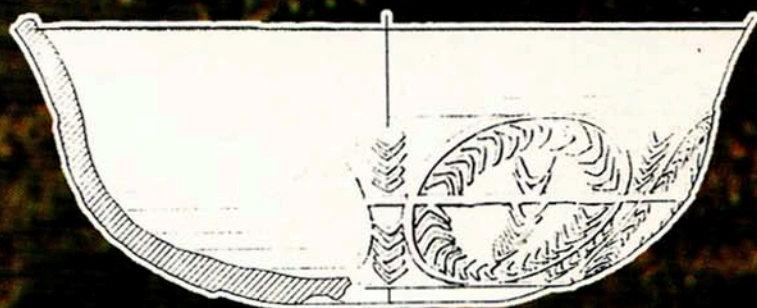
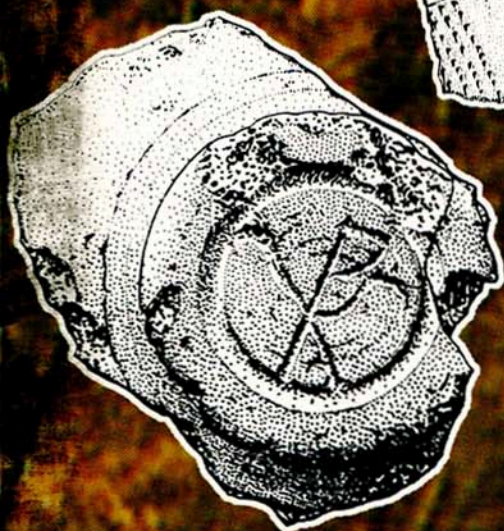
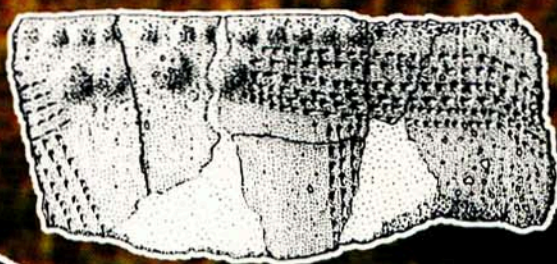
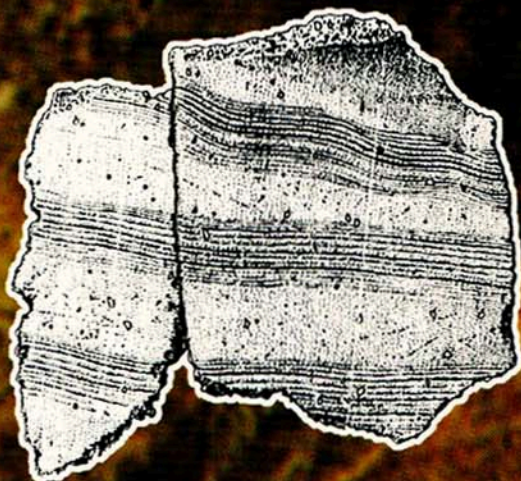


CÔA VISAÃO

CULTURA E CIÊNCIA

Nº 1 · ANO DE 1999



EDIÇÃO DA
CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

Das escavações arqueológicas ao Museu de Sítio de Ervamoira

GONÇALVES GUIMARÃES

Em 1984 a administração da Casa Ramos Pinto, proprietária da antiga Quinta de Santa Maria entretanto rebatizada da Ervamoira, tomou conhecimento da existência de uma estranha pedra de granito que aflorava por ente o rosmaninho numa colina de xisto por surribar junto ao Côa. Para ali estava destinado, como para grande parte dos 200 ha da Quinta, o plantio de vinha “ao alto” de castas seleccionadas. Mas o insólito do achado levou a agir com prudência e a chamar dois arqueólogos do Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia, que identificaram a peça como sendo um sarcófago medieval, tendo então sugerido que a mesma fosse estudada com cuidado e escavada a sua envoltória. A vinha ficou assim ali ausente, enquanto prosseguia o plantio nas restantes colinas e ladeiras. No ano seguinte, na Primavera, foi a sua área de implantação escavada e descobriu-se que por baixo daquela peça existia uma sepultura talhada no xisto (sector I). Porém subsistia a interrogação: o que fazia ali aquele sarcófago e quem fora sepultado naquele outro túmulo? Pesquisando as redondezas, num terreno plano dantes lavrado para semear centeio, apareciam à superfície aqui e ali fragmentos de cerâmica medieval e de *tegula* romana. No Verão seguinte, uma equipa mais dilatada, dirigida pelo autor destas linhas e por M.^a da Graça Peixoto, descobria a estação arqueológica, tendo começado por escavar uma habitação medieval, datada por um *dinheiro* de D. Afonso III, a qual, voltada ao Côa, pouco aflorava no terreno (sector II a) e, a uma cota superior, encontravam-se os vestígios de uma outra construção que depois foi interpretada como sendo uma oficina de fundidor medieval (sector III).

Face ao aparecimento destas estruturas não contíguas e ao facto de continuar a surgir cerâmica, mas ainda não estruturas romanas, em 1986, para além da continuação da intervenção nos sectores já referidos, foram feitas duas sondagens no que poderiam ser os limites ocupados pela estação, a crer nos vestígios de superfície. Assim, numa zona de escorrimento de materiais, a Norte, escavamos o que veio a revelar-se apenas como um pequeno murete de contenção de terras (sector IV), onde apareceu um fuzilhão visigótico, enquanto a Nordeste do sector III, uma vala de sondagem (sector V) continuava a revelar a pouca possança arqueológica de alguns locais onde o arado terá destruído quase por completo o que restava das construções

romanas e medievais. Mas continuava a abundância de cerâmica.

Em 1987, a Norte da oficina de fundidor (sector III), são detectados os alicerces de uma outra casa medieval (sector VI), com porta voltada a Noroeste, em frente da qual existia uma enorme lareira com muitos fragmentos cerâmicos, ósseos e até metálicos, a qual continuou a ser escavada nos anos seguintes. Viria a revelar-se muito bem estruturada, com um lajeado lateral de pequenas pedras e ainda com um forte “pau” de xisto *in situ*, que deveria fazer parte de um tripé para suspensão de vasilhas sobre o fogo. Uma estrutura semelhante a esta tinha igualmente sido encontrada num canto do alpendre da oficina de fundição (sector III).

Em 1988 prosseguiram ainda os trabalhos na casa medieval do sector II a. No ano anterior tornara-se ali evidente um nível de *tegula* e de cerâmica romana muito fragmentada que constituíam, por assim dizer, o “piso” da casa medieval. Mas foi no exterior desta que se revelou a continuação dos alicerces de uma grande *cella* rectangular romana, bem encaixada no afloramento xistoso, talhado para o efeito, com buracos circulares e regulares onde tinham assentado os postes que suportaram um telhado que ali jazia abatido e fragmentado no local onde caiu. O aparecimento de *bronzes* dos imperadores Constantino e Constancio, bem assim como os fragmentos de muita cerâmica de copa e cozinha ali existentes, indicavam-nos que estávamos perante uma possível *taberna* do séc. IV. A casa medieval (sector II a), de eixo desalinhado em relação ao da construção romana, apenas destruíra uma parte da construção ao “alisar” o terreno para se implantar, ignorando por completo a construção romana subjacente, de muito melhor qualidade, de tal modo que em cima da sua área de implantação foi também construída uma grande lareira, fora portanto da habitação medieval, com a mesma abundância de cerâmica, ossos e alguns restos metálicos que a do sector VI, a qual foi “lajeada” com *tegulae* reaproveitada da construção que lhe estava subjacente. A continuação dos trabalhos nos anos seguintes, veio a determinar o perímetro total deste sector II b e a boa construção das suas paredes, as quais terão sido rebocadas com estuque.

Em 1989 prosseguiram portanto as escavações no sector II b; no sector VI, por baixo de um caótico derrube medieval junto de um lajeado de placas de

xisto, apareceu um muro romano alinhado com aquele que entretanto também tinha aparecido numa outra área designada por sector VII. Prosseguindo a escavação entre os dois sectores, verificou-se que se tratava do mesmo muro, o alicerce da parede de um grande edifício romano com 27,5 metros de frente e uma soleira central, onde existia a respectiva porta. Começamos então a convencer-nos que estávamos perante uma *mutatio* que controlava naquele lugar estratégico a passagem a vau do Côa, para quem vinha das Chãs para Castelo Melhor ou Calábria, ou no sentido inverso.

No ano seguinte escavou-se parte do interior do edifício definido pelos vestígios daquela grande fachada (sector VIII), onde foram encontrados grande quantidade de fragmentos de *tegula* concentrados apenas numa parte do edifício, o que poderá querer dizer que ele não foi todo coberto, mas que teria uma abertura interior central. Foram igualmente aparecendo alguns muros e muretes de aparelho nitidamente medieval, formando pequenas *cellae*, comlareiras em pequenos “átrios” exteriores às estruturas descobertas.

Aqui apareceu um dos mais decorados vasos cerâmicos da estação, os fragmentos de um grande *dolium*, infelizmente ainda sem os do fundo, o qual acusa uma influência mediterrânica atribuível ao século X-XI. Presença de berberes? Uma questão em aberto a confirmar.

Até 1990 tinham sido já escavados 436 m², mas a estação estava, e está, longe de esgotar as suas surpresas.

Na campanha dos anos seguintes finalizou-se a intervenção na *taberna* e na lareira que lhe estava sobreposta e a que já aludimos, sempre recolhendo abundante espólio tardo-romano e medieval. Se até então o horizonte cronológico mais recente (séc. XIII) parecia estar determinado, ainda não sabíamos a data para o início da ocupação romana. Alguma cerâmica dispersa sugeria que deveria ser anterior ao séc. IV.

Entretanto em 1993 escava-se o alicerce bem conservado da parede sudoeste do grande edifício romano (sector VIII). Sobre ele existia uma outra lareira medieval, na qual foi encontrada uma mó dormente em granito e fragmentos da mó movente. No lado oposto deste edifício, do lado norte, aparecia também nesse ano uma outra estrutura (sector IX), constituída por um alicerce igualmente bem conservado, mas diferente dos muros romanos até aí encontrados. No seu enchimento havia mesmo fragmentos de *sigillata* não rolada. Este edifício veio a definir-se no alinhamento quer da *taberna*, quer da *mutatio* — assim chamamos estes edifícios, de acordo com os dados até agora disponíveis —. No seu interior encontrava-se todo o telhado abastido, como já acontecera no sector II, mas as *tegulae* eram aqui diferentes, no que diz respeito ao fabrico menos cuidado, mas em compensação mais decoradas, com meandros paralelos e outras

incisões e, entre elas, um *chrismon* cruzado. Os próprios fragmentos dos *imbrices* apresentavam decoração. Mas, ao contrário da *taberna*, aqui não havia qualquer vestígio de louça de cozinha ou de copa ou de quaisquer outros objectos, mas foram encontrados dois fragmentos de maxilar inferior humano. Por todas estas razões pensamos estar perante o que restava de uma basílica martirial, o que significava estar perante um dos mais antigos vestígios da chegada do cristianismo ao Vale do Douro e, seguramente, ao do Côa.

A escavação da área deste edifício prosseguiu em 1994 e 1995, quando tinham já sido intervenções um total de 875 m² a uma média de 72 m² por campanha. Neste último ano é descoberta uma nova estrutura encostada ao ângulo sul do grande edifício romano, a qual, escavada em 1996, viria a revelar-se como uma ferraria medieval, provavelmente do século XIII, constituída por uma área de forja num canto e uma banca de trabalho em pedra de xisto ocupando toda uma parede, com dois nichos laterais, num dos quais apareceu uma pedra de granito alisada com o que resta de uma inscrição onde parece ler-se TAN/G..., talvez de um Tanguinus, que ali vivera séculos antes. Dada a dificuldade da leitura esta interpretação ocorreu-nos aquando da apresentação de uma comunicação de Armando Coelho Ferreira da Silva e de Mário Rui dos Reis Soares, sobre a epigrafia da região cudadana, nas jornadas em Freixo de Numão entre 25 e 27 de Abril de 1997. Em frente desta banca de trabalho apareceu igualmente um grande cubo de pedra granítica, com as faces “almofadadas” e um polido fóculo central, que servira para afiar as ferramentas ali forjadas, como o demonstra o desgaste de um dos seus bordos. Era óbvio que se tratava de uma peça reaproveitada, como aliás a delida inscrição atrás referida. Pela sua configuração cremos tratar-se de uma lipsanoteca da basílica martirial, que conteria relíquias de um santo na cavidade do “fóculo”, talvez os fragmentos de mandíbula humana atrás referidos e tendo eventualmente como tampa a pedra com a inscrição, que apresenta uma protuberância circular que parece adaptar-se à abertura do “fóculo”, embora lhe falte metade. Isso justificaria também o facto da inscrição “pagã” ter sido quase totalmente apagada.

Mas esta utilização pode outrossim ser um reaproveitamento de uma pedra que, inicialmente, terá sido talhada para ser embutida no xisto e servir de base e encaixe a uma coluna de madeira que suportaria o telhado da *taberna* ou da *mutatio*. Esta sugestão devo-a a Lino Tavares Dias, que encontrou situações semelhantes em Tongóbriga.

Quando em 1985 iniciamos o estudo desta estação não sabíamos que de há muito estava prevista a construção de uma barragem no curso terminal do rio Côa. Quando tal começamos a ouvir e a constar, nem queríamos acreditar que a beleza de tal Vale e a importância dos inúmeros vestígios

arqueológicos que o mesmo contém viessem a ser submersos. E nem sequer suspeitávamos da existência de tantos e tão importantes monumentos paleolíticos; sabíamos apenas de algumas referenciadas estações romanas e medievais e constatamos a existência de vestígios que nos pareciam calcolíticos no Monte Fariseu, que não estavam de imediato ameaçados. Quando o nosso colega Nelson Rebanda, em situação difícil a todos os títulos, descobre as gravuras que não tinham sido detectadas por outros arqueólogos que já tinham percorrido a região, nomeadamente por nós, uma nova era começou para a arqueologia do Vale do Côa e para a arqueologia nacional. O que até 1993 era só salvamento de informação arqueológica perante a ameaça da barragem, transforma-se em 1994 em esperança e em 1995 na certeza de que os valores culturais prevaleceriam sobre uma tecnologia de duvidoso rendimento e de problemático futuro, pelo menos neste local. A história, ainda que incompleta ou parcial, do que foi esta saga, anda por aí contada. Pela nossa parte apenas diremos que 1995 foi o ano-chave para Ervamoira quando, constatada a suspensão dos trabalhos da barragem, houve que repensar toda a metodologia da intervenção que vínhamos fazendo e reflectir sobre o destino a dar às ruínas e aos achados. É então que no relatório desse ano propusemos a musealização das ruínas e da "Casa Velha" da Quinta, o que vem a ser aceite pela administração da Casa Ramos Pinto e acarinhado por todos aqueles que compreenderam que no Côa se lavrava com o arado da qualidade um futuro diferente para a Terra Quente e para a fronteira duriense.

Na campanha de escavações de 1996, na qual foi encontrado um *denarius* de Geta que finalmente nos confirmava a ocupação romana, pelo menos, desde o século III, procuramos definir um dos limites da estação, sem no entanto o conseguir. Logo após o seu fim redigimos de imediato o programa de musealização da Casa da Quinta, enquanto o Arqtº. Arnaldo Barbosa e seus colaboradores, em sintonia com esse mesmo texto, elaboravam o respectivo projecto de reconversão arquitectónica.

A 12 de Outubro de 1996 as escavações, o programa e o projecto do Museu são apresentados ao Primeiro Ministro Eng.º António Guterres quando este visita Ervamoira. Aí propúnhamos que a Casa da Quinta se transformasse num Museu de Sítio que mostrasse aos visitantes o Património Natural do Douro Superior, a Arqueologia Romana e Medieval de Ervamoira e a Etnoarqueologia do Vale do Côa, para além dessa notável obra de Ciência e Arte vitinícola que é a própria Quinta e da história da Casa Ramos Pinto e do seu fundador. Abria-se assim a possibilidade de criar uma instituição com uma oferta cultural diferente e complementar do circuito das gravuras paleolíticas, a qual poderia dar ao visitante uma visão simples, mas total, do que tem sido a ocupação histórica deste Vale.

Para tal rodeamo-nos de alguns amigos e colaboradores, desde os nossos alunos de Património da Universidade Portucalense Infante D. Henrique aos alunos de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, passando pelos biólogos da Faculdade de Ciências da mesma instituição até aos engenheiros da Universidade da Beira Interior, para além de outros, os quais participam na 1ª Semana de Estudos Especializados que decorre na semana da Páscoa de 1997.

No Verão desse ano, como habitualmente, a equipa de escavações dividida em dois turnos de uma dúzia de pessoas para cada quinze dias, escava durante um mês do sempre quente Julho/Agosto, a área oeste da estação, procurando um limite a partir do qual se iniciem os trabalhos de consolidação e restauro das ruínas. E de novo a surpresa de uma área medieval de cozinha, sobre o que parece ser a necrópole envolvente da basílica martirial. Novas interrogações a confirmar ou infirmar nos trabalhos que se seguirão nos próximos anos.

Inaugurado a 1 de Novembro de 1997 pelo Ministro da Cultura, Professor Doutor Manuel Maria Carrilho, o Museu de Sítio de Ervamoira é uma instituição privada com propósitos culturais, turísticos e científicos cujo interesse não se restringe à sua estação arqueológica, mas pretende concentrar em si muita da investigação que até à data se produziu sobre o Vale do Côa, quer nas Ciências Humanas quer nas da Natureza e, ao mesmo tempo, incentivar a produção de novos estudos realizados por jovens investigadores das diversas áreas que traduzam a riqueza cultural da região cudana e da história das gentes que a habitam partilhando o fascínio que este "vale sagrado" provoca em todos aqueles que o percorrem interrogando o tempo, o espaço e as coisas que o transformaram em lugar de eleição e traduzindo em linguagem profissional esse encantamento.

De há muito que a *Nova Arqueologia* se reclama como interdisciplinar, sem no entanto alguns dos seus assumidos apóstolos procurarem a postura ou provocarem o método através de uma prática concreta. Tirando uma ou outra datação pelo carbono 14 e um ou outro estudo osteológico, não tem sido prática corrente a constituição de equipas *totais* para o estudo de uma região, a não ser em alguns apressados estudos de impacto ambiental, dos quais resultam a *fotografia* da paisagem, mas nunca o seu *filme*; um dado *tempo*, mas não a sucessão de *climas*. É certo que ainda estamos longe de uma *Arqueologia da Paisagem* no Vale do Côa, desde os tempos da sua formação geológica até à actualidade. Os trabalhos desenvolvidos pelo Parque Arqueológico e os seus arqueólogos permitiram já alguns ensaios publicados para a sua Pré-história, começando agora a aparecer alguns trabalhos de síntese ou de investigação sobre os períodos históricos do Vale e da Região. Mas muitas

outras questões se levantam até que haja uma resposta coerente e sobretudo cientificamente credível à luz dos conhecimentos actuais.

O facto de alguns investigadores terem ignorado, ou mesmo não saberem, que o Vale do Côa teve uma intensa ocupação pós-paleolítica levou-os a conclusões erradas sobre a cronologia da sua impressionante arte de ar livre. Ao aplicarem o método das datações directas sobre a alteração da superfície das gravuras paleolíticas não sabiam — mas deviam ter pelo menos intuído — que estavam a datar a revolução metalúrgica do calcolítico ou da idade do bronze e a revolução agrícola da romanização que, sobre os sulcos pré-históricos, deixaram combinações de iões mais recentes, o que é, de tão lógico, quase risível. O seu erro foi ignorar — ou não perguntar — que o Vale do Côa já foi uma região antropologicamente muito mais viva do que no presente, tendo o seu declínio começado após o século XIII.

Desde o início da nossa intervenção em Ervamoira que tivemos a noção da importância de aliarmos ao estudo arqueológico o contributo das outras ciências enquanto colecionamos perguntas simples, à medida que os vestígios iam aparecendo:

— De que animais são os coprólitos fossilizados encontrados?

— Quantas espécies de animais estão representados nesta estação. Quais os domésticos, quais os selvagens?

— Que fauna se manteve ou se alterou no Vale ao longo dos tempos históricos?

— Como era a vegetação envolvente no século IV? E no século XIII? E o microclima?

— Quais os componentes da comida fossilizada encontrada na *taberna* do séc.IV?

— Qual a origem étnica dos habitantes deste lugar desde o período romano? Quais as suas patologias?

— A cerâmica regional aqui encontrada onde era produzida?

Estas e muitas outras perguntas ainda continuam sem resposta, mas com a colaboração de diversos especialistas começamos a entender melhor o cenário natural onde decorreu a humana dramaturgia que a Arqueologia vai aqui desenterrando.

Os estudos já produzidos pelos nossos colaboradores sobre Geologia, Botânica, Silvicultura, Entomologia, Zoologia, Paleopatologia e Etnoarqueologia, são apenas o início de um trabalho mais vasto que se pretende realizar em colaboração com diversos Institutos e Universidades e os seus investigadores, enquanto que o público pode desde já ter uma visão dos seus resultados nas salas do Museu de Sítio de Ervamoira.

É ainda pouco, concerteza, mas o limite para estes estudos é o universo da curiosidade humana. Tal como o vinho aqui produzido condensa em

cada gota Natureza, Ciência e Tradição, também este projecto procura mostrar como a Arqueologia se estende da Natureza às Humanidades através das várias Ciências.

Com estes contributos estamos também no início de uma necessária, efectiva e frutífera interdisciplinariedade para compreender a globalidade do Vale do Côa.

BIBLIOGRAFIA

- GROSSO-SILVA, José Manuel; LÓPEZ-COLÓN, José Ignacio (1998); "Novos dados Gibbinae (*Coleoptera Ptinidae*) ibéricos, com o registo de uma nova espécie para Portugal, *Gibbium psylloides* (Czenpinski, 1778)" in *Boletín de la Sociedad Entomológica Aragonesa*, nº 22, Zaragoza, 30.06.1998; ilust., 3 pp.
- GUIMARÃES, Gonçalves (1995) — Arqueologia do Vale do Côa - A Estação Arqueológica da Quinta de Santa Maria da Ervamoira. In *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. 35 (4) (vol. III das Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular e "Dossier Côa"). Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia; pp. 569 a 575.
- GUIMARÃES, Gonçalves (1996) — A Estação Arqueológica da Quinta da Ervamoira — Muxagata, Vila Nova de Foz Côa. In *Douro-Estudos & Documentos*, 1. Porto: Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do porto (GEHVID); pp. 263 a 265.
- GUIMARÃES, Gonçalves; coord. (1997) — *Museu de Ervamoira — Guia do Visitante* Vila Nova de Gaia: Adriano Ramos Pinto (Vinhos) S.A.; 56 pp.
- GUIMARÃES, Gonçalves; coord. (1998) — *Musée d'Ervamoira — Guide du Visiteur*. Vila Nova de Gaia: Adriano Ramos Pinto (Vinhos) S.A.; 56 pp.
- GUIMARÃES, Gonçalves (1998); coord. *Ervamoira Museum — Visitor's Guide*; tradução de M. Fernanda Vilas Boas; Adriano Ramos Pinto (Vinhos) S.A., Vila Nova de Gaia; ilust., 56 pp.
- GUIMARÃES, Gonçalves (1998) — Um Museu de Sítio para a Quinta da Ervamoira (Vale do Côa): Projecto e Programa. In *Espaço e Memória*. Nº. 1. Porto: Universidade Portucalense 1996; pp. 147 a 185.
- GUIMARÃES, Gonçalves (1998); "Das escavações arqueológicas ao Museu de Sítio de Ervamoira: um programa global de intervenção multidisciplinar", in *Terras do Côa: da Malcata ao Reboredo*, coordenação de Alexandra Cerveira Pinto S. Lima; Maia: Estrela-Côa; pp. 205 a 208.
- GUIMARÃES, Gonçalves (1998); *Museus locais públicos e privados: tradição e inovação — análise de um século de museologia de Vila Nova de Gaia*; Separata de *Africana*, número especial 5, Universidade Portucalense/Arquivo Histórico Nacional de Cabo Verde; ilust., 24 pp.
- GUIMARÃES, Gonçalves 1999; "Cerâmica arqueológica do Museu de Ervamoira" in *In Memoriam Carlos Alberto Ferreira de Almeida*; organização de Mário Jorge Barroca, Faculdade de Letras da Universidade do Porto (a publicar).
- GUIMARÃES, Gonçalves; PEIXOTO, Mª. da Graça (1988) — *A Estação Arqueológica da Quinta de Santa Maria da Ervamoira — Muxagata, Vila Nova de Foz Côa (Notícia Preliminar)*. Vila Nova de Gaia: Adriano Ramos Pinto (Vinhos) S.A.. 24 pp.
- GUIMARÃES, Gonçalves; PEIXOTO, Mª. da Graça (1989) — *A Estação Arqueológica da Quinta de Santa Maria da Ervamoira-Muxagata, Vila Nova de Foz Côa: Novos dados*. In *Actas do 1º Colóquio Arqueológico de Viseu*. Viseu: Governo Civil; pp. 499 a 508.

GUIMARÃES, Gonçalves; PEIXOTO, M^{re}. da Graça (1994) — A Estação Arqueológica da Quinta de Santa Maria da Ervamoira — Muxagata, Vila Nova de Foz Côa. In *Gaya*, 6 (Actas do 1º Congresso Internacional Sobre o Rio Douro). Vila Nova de Gaia: Gabinete de História e Arqueologia; pp. 235 a 262.

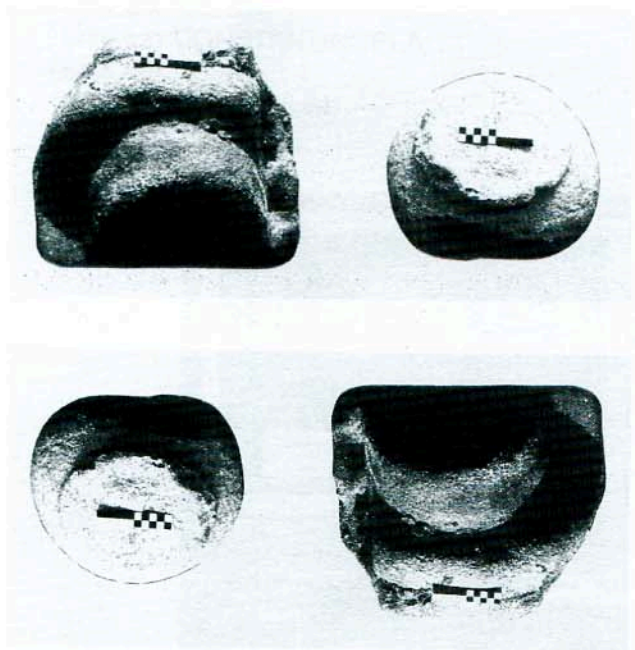
PINTO, Carla Cristina Teixeira (1999); "Centro Oleiro de Santa Comba de Vila Nova de Foz Côa" in *Olaria*, nº 2, Museu de Olaria, Barcelos; ilustr., 6 pp.



Tegula com chrismon que deu origem ao logotipo do Museu de Ervamoira (Fotografia de Gonçalves Guimarães)



"Caixa" de pedra romana reaproveitada na ferraria medieval (Fotografia de Gonçalves Guimarães)



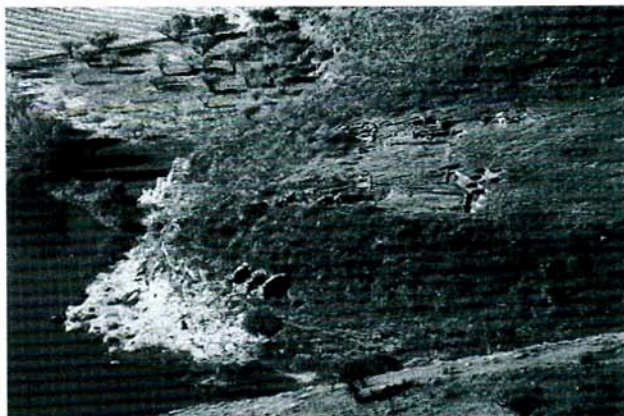
Materiais de construção romanos (Fotografia de Gonçalves Guimarães)



Estação Arqueológica de Ervamoira (Fotografia de Paulo Magalhães)



Escavações em Ervamoira
(Fotografia de Gonçalves Guimarães)



Estação Arqueológica de Ervamoira
(Fotografia de Paulo Magalhães)



A Quinta e o Museu de Ervamoira
(Fotografia de Gonçalves Guimarães)